

“TE PEGO NO RECREIO”: A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS E A OBSERVAÇÃO SÓCIO-EDUCATIVA ATRAVÉS DE *MEMES*

Tarcísio Bezerra de Lima Júnior ¹

RESUMO

O artigo analisa a indisciplina através das práticas de violência realizadas e sofridas pelos alunos em ambiente escolar. Visa discutir por meio da observação através de *memes*, os espaços e os atores sociais a fim de propor reflexões no tocante à percepção da violência nas escolas; a discussão pauta-se em teóricos como Bauman (2013); Bourdieu (2017) e Morin (2004). A metodologia utilizada será a observação semiótica e análise *memética* problematizada através dos fatos ocorridos em ambiente escolar e suas análises socioeducativas em face às tecnologias, pensadores e a exposição midiática. Os dados obtidos se fundamentam em um *meme* viral, porém de propagação diversificada como em gifs, *memes* derivados, dentre outros de temática sobre violência. O objetivo final é discutir se ocorre sublimação da violência em consonância a propagação *memética* e o possível impacto da ação transformadora da educação.

Palavras-chave: Violência Escolar. Indisciplina. Meme. Exposição midiática. Sublimação.

INTRODUÇÃO

“A cultura é uma faca pressionada contra o futuro...”

(Jorge Santayana)

Em 16 de novembro de 2015 na cidade de Alto Jequitibá, zona da mata mineira, uma dupla de meninas colegiais é filmada em uma briga na saída da escola. Uma delas é violentamente espancada, e mesmo com várias outras pessoas próximas a briga se estende por um tempo, acabando por ser apartada por um outro grupo de colegas. A menina fisicamente agredida e derrotada levanta-se e fala: “Já acabou, Jéssica?!²” – bastava isso para que a cena virasse um *meme*³ viral e circulasse em todo país em tom jocoso e debochado. Fato que lançou as personagens a certa fama e notoriedade nacional.

¹ Mestre em História e Espaços (UFRN), Administrador (UFRN), Historiador (UFRN), Especialista em Gestão Universitária (UFRN); MBA em Gestão de Conflitos (FAL/RN); Especialista em Gestão de Pessoas (FAL/RN), graduando em pedagogia (UFRN). E-mail: tarcisiolimajr@gmail.com

²Disponível em:< https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2015/11/16/interna_diversao_arte,506819/ja-acabou-jessica-briga-transforma-adolescente-em-musa-da-internet.html >. Acesso em 16 de abril de 2021.

³ Meme: Caracteriza-se por uma imagem ou vídeo de curta duração que trata de cenas improváveis, esdrúxulas, comuns e até pitorescas de forma debochada e hilária a fim de provocar humor e consequentemente repasses em massa nas plataformas digitais de comunicação.

Tal evento traz a história do surgimento de um *meme* viral visto nas diversas plataformas digitais: *Facebook, Instagram, Tik Tok, Kwai, Twitter, Whatsapp e Telegram*. Porém, o tom debochado e divertido atribuído ao *meme* torna-se complexo, crítico e socialmente reprovável quando deixamos de lado essa perspectiva irônica e debochada para enxergamos o ato violento praticado por duas adolescentes numa escola.

Mas a priori o que é *meme*? O conceito de *meme* é difuso. A palavra origina-se do grego e significa imitação. Trata-se de um construto midiático de origem e propagação em redes (*web*) e retrata situações, filmes, novelas consagradas pelo gosto popular ou personagens conhecidos e ressignificados. Credita-se seu conceito inicial ao zoólogo Richard Dawkins (1976) em seu livro **O gene egoísta** (DAWKINS, 2010 apud LIMA-NETO, 2020).

Comumente normaliza-se a violência no âmbito escolar como práticas e ritos inerentes à idade dos alunos; atrelado como algo comum em sociedade, e por vezes cultural. Esse pensamento do senso comum cristalizou-se nas narrativas romanescas, livros, filmes, séries, novelas, desenhos e até em *memes* como visto acima. Quem não leu, viu ou ouviu contendas infantis no espaço escolar em obras clássicas da literatura como o **Atheneu** de Raul Pompeia; a novela mexicana **Carrossel**; a **Escolinha do Professor Raimundo**; o **Chaves** (do seriado homônimo); na novela **Chiquititas**, dentre outros:

... o conflito faz parte do convívio humano, visto que nas formações sociais está sempre em jogo uma imensa diversidade de desejos, necessidades e interesses antagônicos que constantemente entram em choque. Mesmo quando recalcado, o conflito não deixa de existir; ao contrário, na maioria das vezes, ele retorna com mais força ainda (BLUM; PEREIRA, 2014, p. 04).

Então, como discutir algo que quando combatido, conforme aponta Blum e Pereira (2014), retorna com mais força e resistência? Como inicialmente os educadores podem sanar tal questão se ela por si só constitui um paradoxo?

Todo o sistema educacional sofre com as investidas da política neoliberal, anticientífica e negacionista imposta pela agenda do governo atual que desmembra e sufoca as instituições científicas e de ensino (LIMA; HYPOLITO, 2019). Em paralelo à isto, Zygmunt Bauman (2013, p.57) “alerta para o começo de um processo destitutivo e aniquilador da mobilidade social ascendente orientada pela educação, neutralizando as toxinas da desigualdade e tornando-as suportáveis e inofensivas. Simultaneamente, o que é ainda desastroso, reduz-se a visão da educação como elo capaz de manter em operação a mobilidade social ascendente. Sua dissipação significa um problema para a educação tal como a

conhecemos.” Ou seja, nem mesmo a educação sustentaria o efeito salvador da miséria e vulnerabilidade social.

Mas, quais os caminhos que levam tais atitudes e demonstrações de violência? Para Bauman (2013, p.89) “todas essas lutas têm consequências que vão muito além da inconveniência individual. Algumas das mais importantes se relacionam ao enfraquecimento e à deterioração dos vínculos humanos – que não se restringem ao que se descreve como pulverização das relações amorosas”; mas a própria falência do indivíduo em conviver em sociedade com suas diferenças políticas, ideológicas e com seus conflitos dialógicos.

Um importante conceito colabora com o entendimento das práticas e ritos do grupo como algo intrínseco e cultural: o conceito de eco-organização. Edgar Morin e Boris Cyrulnik (2004) trazem tal conceito justificando ações e vivências através de uma agência pessoal, memorial e afetiva que todos nós quanto indivíduos sociais carregamos em si. Melhor definindo: “é o que todo ser vivo, nomeadamente, humano, possui no interior de si mesmo a organização do seu meio ambiente. Falamos porque temos no interior de nós a cultura, a linguagem e os conhecimentos da sociedade” (MORIN; CYRULNIK, 2004, p.15).

Desta forma, viver em sociedade é adaptar-se, resignar-se ou opor-se à mesma. A violência escolar é fato humano, social e cultural. Tal cenário reforça ao mesmo tempo que constrói um círculo vicioso de violência institucionalizada na qual é negligenciada pelo Estado em vistas às escassas políticas públicas de combate à violência (Bauman,2013; Bourdieu, 2017; Blum; Pereira, 2014). Portanto, como problematizar esse cenário indisciplinar nas escolas? Como discutir à escalada da violência e seu agenciamento midiático? Afinal a violência também é cultura? Percebe-se uma sublimação ou banalização da violência na propagação *memética*?

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

“A violência é uma questão de poder.

As pessoas se tornam violentas quando se sentem impotentes.”

(Andrew Schneider)

A temática da indisciplina escolar sempre volta à tona sob diversas formas e até mesmo disfarçada de singelos *memes*. A problemática acomoda-se no colo das escolas e deita sob as mesas de discussões de professores, gestores escolares, psicólogos e pedagogos em todo o mundo. O fenômeno não é atual, tão pouco local. É algo mundial, duradouro e

complexo. Bispo e Lima (2014) atentam para o componente simbólico da violência parafraseando Bourdieu e Passeron (1975) sobre o poder invisível dessa influência nos comportamentos e indisciplina dos alunos (BISPO; LIMA, 2014).

Comumente indagando profissionais da educação percebe-se em seus relatos as relações conflituosas desde os anos iniciais. O que de certa forma se explica em razão ao novo ambiente com diversas outras crianças e a disputa por prêmios (brinquedos), benesses (atenção dos cuidadores educacionais), bem como por espaços neste novo ambiente escolar. “As nossas experiências vividas regularizam o nosso destino. É evidente que cada criança pode reagir de uma maneira totalmente diferente aos golpes do destino. A infância não é apenas respeito dos jogos e brincadeiras, mas de uma série de experiências que incapacitam para vida ou, pelo contrário, que a reforçam” (MORIN; CYRULNYK, 2004, p. 30).

Por outro lado a banalização da violência corrobora para tais práticas em diversos ambientes sejam estes domésticos e escolares. Quem nunca ouviu a máxima: “*não bata no coleguinha, mas se ele te bater, bata também*” ou “*não quero que você chegue apanhado em casa, senão vai apanhar duas vezes!*”. A questão que perturba e se faz neste sentido traz o gerenciamento de ações socio-educativas que tratem tais atitudes no espaço escolar e familiar.

Porém elevando-se a faixa etária dos alunos no ambiente escolar (11 a 16 anos), percebemos a violência banalizada, viralizada e promovida por canais e plataformas midiáticas. Observa-se, por exemplo, um *memé* como instrumento autopromotor social. Haja vista a fama e a exposição do valentão/valentona gerar bônus sociais, especificamente na afirmação destes no grupo e nas disputas de poder e espaço na comunidade.

Outro fator sociocultural citado por Bauman (2013) aponta a transitude e alienação da atual geração, que se enxerga ora expulgada dos espaços, ora não se identifica como parte importante e integrante do “futuro”. A juventude é tratada como fardo social, devendo apenas cumprir a lógica do mercado de trabalho ou ser dispensados por esta mesma lógica:

Vistos cada vez mais como outro encargo social, os jovens não estão mais incluídos no discurso sobre a promessa de um futuro melhor. Em lugar disso, agora são considerados parte de uma população dispensável, cuja presença ameaça evocar memórias coletivas reprimidas da responsabilidade dos adultos.” Assim escreve Henry A. Giroux num ensaio de 3 de fevereiro de 2011 sob o título “A juventude na era da dispensabilidade” (Bauman, 2013, p.43).

Para Blum e Pereira (p. 06, 2014) “o ser humano é resistente ao disciplinamento, portanto incapaz de assujeitamento socio-comportamental buscando singularidade e heterogeneidade de suas ações”. Assim, a indisciplina social e escolar é estrutural, precisando

ser combatida de forma legal e através do planejamento e engajamento das esferas públicas de poder, família e da educação transformadora.

Bispo e Lima (2014) fala da violência estrutural como algo inerente e resultante das imposições oriundas das desigualdades sociais e ações políticas excludentes dos grupos de poder. Dessa forma, as ações coordenadas de alcance e cunho pedagógico que busquem a participação apenas dos responsáveis de forma mais incisiva não implicariam em soluções diretas, mas paliativas. O Estado não pode omitir-se política e socialmente. O fim de um processo vicioso e cíclico, especificamente como o da violência, deve ser posto como algo possível e viável a todos os sujeitos e atores da educação no Brasil através da redução da desigualdade sociopedagógica:

Para que a instituição escolar não seja tão somente uma instituição disciplinar, mas também um espaço de criação e transformação social, comprometida com a formação de cidadãos críticos e reflexivos, ela precisa propiciar a articulação entre diferentes contextos, subjetivos, sociais e culturais (BISPO; LIMA, 2014, p. 12).

“A forma de vida em que a geração jovem de hoje nasceu, de modo que não conhece nenhuma outra, é uma sociedade de consumidores e uma cultura “agorista” – inquieta e em perpétua mudança – que promove o culto da novidade e da contingência aleatória. Numa sociedade e numa cultura assim, nós sofremos com o suprimento excessivo de todas as coisas, tanto os objetos de desejo quanto os de conhecimento, e com a assombrosa velocidade dos novos objetos que chegam e dos antigos que se vão” (Bauman, 2013, p.26). Nesta perspectiva vislumbra-se os agrupamentos de jovens da periferia que iam aos *shoppings* em busca de espaços de autofirmação social através da violência (vide temática dos “rolézinhos” ocorridos em *shoppings* nos últimos anos em todo o Brasil⁴).

Como surgem tais cidadãos? Em suma descendem de uma camada social escravizada que foi alforriada e jogada às ruas no séc. XIX. “Eles formaram o cidadão moderno e é, desse modo, o produto de um (sub)desenvolvimento histórico singular e multifacetado. São produtos de um tipo específico de sociedade e organização social (...) abandonada à própria sorte e que a partir de então jamais irá recuperar qualquer função produtiva na nova ordem. É aí que se cria uma classe de párias urbanos e rurais. Nesse contexto não existe, objetivamente, cidadania, mas apenas sub e supercidadãos” (SOUZA, 2000, p.56-57).

Diante destes “sub” e “supercidadãos” o que os distingue é o abismo da desigualdade. “A desigualdade de oportunidades educacionais é uma questão que só pode ser

⁴ Consultar Pinheiro-Machado; Scalco (2014).

confrontada em ampla escala por políticas de Estado. Até agora, porém, como já vimos, as políticas de Estado parecem estar se afastando, e não se aproximando, de um enfrentamento sério da questão"(BAUMAN, 2013, p.63).

Este sub e super cidadão se moldam através de suas conflitantes diferenças se repelindo um ao outro como se ambos não pertencessem a uma mesma comunidade/sociedade. “O planeta não poderá civilizar-se se esta ideia de pertencer a uma comunidade terrena não se enraizar entre os seres humanos. Caso contrário, as barbáries que já conhecemos voltarão a irromper” (MORIN; CYRULNYK, 2004, p.77).

A violência é cotidiana, social, classista e simbólica. Portanto usando-se da simbologia *memética* a violência simbólica “cumpra a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra (...)” (BAUMAN, 2013, p.11) numa espécie de violência simbólica:

(...) não se pode falar do ser humano sem o considerar, ao mesmo tempo, como ser biológico, cultural, psicológico e social. Encontramo-nos porque sabemos que a fantasia, o imaginário ou mito são realidades humanas fundamentais. (MORIN; CYRULNYK, 2004, p.10)

Os *memes*, portanto, constituem essa instituição simbólica. Agindo com forte apelo midiático; viral, formador de discussões, propagador de pensamentos e ideologias. Em um único *meme* observamos um retrato de um evento violento que trouxe tais fatos à um patamar romanesco e pueril, quando na verdade esconde uma simbologia de violência e dominação em uma mensagem midiática. O imaginário comum tratou o evento através do *meme* como algo aceitável, debochado e jocoso. Permissivo a ponto de releituras e propagação.

METODOLOGIA

O estudo qualitativo buscou compreender as relações entre a violência escolar e o uso midiático simbólico dos *memes* como promotores de uma falsa mensagem que oculta a degradação do sistema de educação, das relações humanas e históricas da violência urbano social. “A pesquisa em ciências sociais lida com pessoas e seus contextos de vida (...) com foco nos indivíduos e grupos - e seus comportamentos dentro de culturas e organizações” (SOMEKH; LEWINS, 2015, p. 27).

O percurso metodológico do presente estudo pautou-se na análise (semiótica) midiático-comportamental do fenômeno dos *memes* em detrimento ao aumento da violência

no âmbito escolar⁵. Contudo, desvencilhou-se da perspectiva puramente positivista de causa e efeito, buscando a teoria bourdiana como amparo para estudo da fenomenologia social dos grupos e indivíduos em sociedade.

Todavia construir um objeto científico é, antes de mais e sobretudo, romper com senso comum, quer dizer, com as representações partilhadas por todos, quer se trate dos simples lugares comuns da existência vulgar, quer se trate das representações oficiais, frequentemente inscritas nas instituições, logo, ao mesmo tempo na objetividade das organizações sociais e nos cérebros (Bourdieu, 2007, p. 34).

Analisou-se os *memes* que trataram da disputa, conflito e brigas de poder entre jovens no espaço escolar e concomitantemente expostos nas mídias sociais. O *meme* “já acabou Jéssica?” foi utilizado como objeto de estudo em virtude do mesmo ter originado diversos outros *memes* correlatos; trazendo e replicando a ideia da violência, dominação e deboche. As razões e motivações do engajamento destes jovens na disputa de poder e na prática da violência institucionalizada traz subsídios que propiciaram elencar, analisar e problematizar essa cadeia midiática da violência e sua desprezenciosa propagação viral nesta pesquisa qualitativa.

Hanna Arendt (1999) traz o conceito de banalização do mal como inerentes à personalidade humana acrítica e desresponsabilizada por suas ações que atrelado à perspectiva de desesperança e disputa de poder de Bauman (2013) e Habesman (1980) formam o epicentro do estudo da alavancagem da violência e sua banalização institucionalizada.

O presente estudo moldou-se metodologicamente “na sociologia comportamental como alicerce da pesquisa social considerando os interpretativistas, haja vista a sociologia estudar os homens reflexivos e portanto interpretativos. Sendo foco da análise de sua pesquisa social apenas os dados qualitativos quer sua coleta de dados tenha lugar no mundo real ou em mundos virtuais (caso do presente estudo). Neste século todos os tipos de pesquisa se realizam habitualmente no ambiente do ciberespaço” (Somekh; Lewins, 2015, p. 33).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do *meme* “Já acabou Jéssica?” observou-se uma explosão de outros *memes* (vide figuras extraídas das plataformas de busca *google* sobre o *meme* específico) que

⁵ Para maiores esclarecimentos ler Sposito (2001).

corroboraram para a disseminação do *meme* original. Até que ponto vale a exposição e romantização da violência para nutrir um sentimento de descolado no grupo? Porque não se enxerga a violência antes da comicidade? As relações humanas quanto sociedade estão de fato falidas?



(Figura 01)



(Figura 05)



(Figura 02)



(Figura 06)



(Figura 03)



(Figura 07)



(Figura 04)



(Figura 08)

O vislumbre do *meme* elencado e seus derivados disponíveis em plataformas de busca apontam a viralização do *meme* e do entendimento superficial e atenuado do violento episódio que o originou. O *meme* foi consumido superficialmente como algo hilário que escamoteou a real violência vivenciada no vídeo original.

Então, o problema dos jovens está sendo considerado como uma questão de “adestramento para o consumo” englobando o consumo midiático (como o *memético* por exemplo). “Assim, os demais assuntos relacionados à juventude são deixados numa prateleira lateral – ou eliminados da agenda política, social e cultural” (Bauman, 2013, p.44). A dispensabilidade fluida da nova geração diz que:

(...) Nada os preparou para a chegada do novo mundo inflexível, inóspito e pouco atraente, o mundo da degradação dos valores, da desvalorização dos méritos obtidos, das portas fechadas, da volatilidade dos empregos e da obstinação do desemprego; da transitoriedade das expectativas e da durabilidade das derrotas; um novo mundo de projetos natimortos e esperanças frustradas, e de ausência de oportunidades (BAUMAN, 2013, p. 37).

Expurgada a esperança, instituída a falência das relações humanas em sociedade, podemos dizer que a democracia é uma ilusão? Ou uma instituição meramente utópica?

Segundo Roberto DaMatta (1986, p.47) “a democracia racial no Brasil é possível. Porém, conforme se sabe, terá que fundar-se a priori por uma positividade jurídica que assegure a todos brasileiro(a) o direito básico de igualdade: o direito de ser igual perante à lei”. Fato que não se confirma em nossa sociedade marcada pela discricionariedade, sexismo, machismo, misoginismo e racismo. Inclusive, observa-se com triste pesar, os dados estatísticos de assassinatos de jovens negros de periferia por todo país e o perfil destes como principais vítimas de balas perdidas⁶, por exemplo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Repensemos a briga do cravo e da rosa... não precisamos de mais feridos nem despedaçados!” (L. Heifer)

Mas por que os jovens lutam? Por poder? Por visibilidade ou destaque no grupo? Segundo Bourdieu (2007, p.117) “o poder do grupo que busca autoafirmar-se e construir-se através princípios de visão e de divisão comuns criam uma visão única de sua identidade e uma visão de sua unidade.” Estando em jogo lutas identitárias neste que existe fundamentalmente para reconhecimento dos demais integrantes.

É importante o pertencimento. Como pertencer aos seus pais, à sua língua, à sua religião, ao seu grupo cultural, mas é abusivo acreditar que só haja este tipo ou modo de

⁶ Para uma discussão mais apurada, consultar Freitas (2017).

pertença possível. Educar é conduzir para fora de si” (MORIN; CYRULNYK, 2004, p.79). É expandir-se. ampliar-se como cidadão crítico e pensante. Um ser consciente de sua realidade.

Como afirma Bauman (2013, p.28) “a cultura líquido-moderna não se sente mais uma cultura da aprendizagem e da acumulação, como as culturas registradas nos relatos de historiadores e etnógrafos de tempos passados. Em vez disso, parece uma cultura do desengajamento, da descontinuidade e do esquecimento.” Mas, será essa uma situação passageira ou momentânea? Ou ocorre de fato um projeto político social que perpassa desde o desenvolvimento de um currículo servil nas escolas à um intencional negligenciamento do Estado para tal cenário sócio pedagógico.

“Um espectro paira sobre os cidadãos do mundo líquido moderno e todos os seus esforços e criações: o espectro da superfluidez. A modernidade líquida é uma civilização do excesso, da redundância, do dejetivo e do seu descarte” (Bauman,2013, p.17). Esse sentimento cristaliza-se nas ações e atitudes desesperançadas da nova geração. Uma geração tecnológica e exaustivamente midiática, que exploram seus atos e os expõem através de *memes*.

E quanto a massiva propagação do meme de forma acrítica? “O papel dos símbolos caracteriza-se como instrumentos da integração social: (...) eles tornam possível o consensus acerca do sentido do mundo social que contribui para a reprodução da ordem social: a integração lógica é a integração da condição moral” (BOURDIEU, 2007, p. 10). O *meme* populariza-se em sua própria alienação e fuga da realidade (sublimação). Agrada ao leitor/telespectador enxergar a comichão e não a violência. Em parte porque estamos saturados em outra pela própria banalização das lutas juvenis por espaço e autoafirmação.

A educação é a salvação para tudo – a afirmativa é óbvia. Porém, não satisfaz a concretude do cenário socioeducativo brasileiro. Politicamente a atual orientação é que a violência e a coerção são dispositivos corretores de atitudes sociais. O Executivo reforça uma postura científica negacionista e alimenta uma gestão pró-armamentista da população ao passo que afrouxa leis punitivas, estimulando a ação miliciana por todo o país. A sociedade reflete a gestão político-nacional. Alinhe-se também o cerceamento das didáticas e a diminuição da autonomia dos professores através de alterações no currículo nacional e da profissão do pedagogo; o que engessa e limita a atuação nas escolas proibindo inclusive a discussão e acesso à informação de temas postos como tabus, por exemplo. A educação tem o poder sim de transformar, de ampliar e expandir pensamentos críticos, mas presa em grilhões políticos e acorrentada à perversidade implosiva da necropolítica atual, ela torna-se apenas um fantoche servil e amordaçado. Formadora de cidadãos robotizados e puramente funcionais.

ICONOGRAFIA

Fig. 01 - disponível em < https://www.google.com/search?q=ja+acabou+jessica&rlz=1C1SQJL_pt-BRBR935BR936&sxsrf=ALeKk02xbSefgxH98F5syUxxo04PUYlsA:1624309518451&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwi2uui-0KnxAhVrL7kGHTJIC5sQ_AUoAXoECAEQAw&biw=1366&bih=600#imgrc=-KA7qu989H_ZCM >. Acesso em 21 de jun 2021.

Fig. 02 - disponível em < https://www.google.com/search?q=ja+acabou+jessica&rlz=1C1SQJL_pt-BRBR935BR936&sxsrf=ALeKk02xbSefgxH98F-5syUxxo04PUYlsA:1624309518451&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwi2uui-0KnxAhVrL7kGHTJIC5sQ_AUoAXoECAEQAw&biw=1366&bih=600#imgrc=ooKMSaWJdRH_UM >. Acesso em 21 de jun 2021.

Fig. 03 - disponível em < https://www.google.com/search?q=ja+acabou+jessica&rlz=1C1SQJL_pt-BRBR935BR936&sxsrf=ALeKk02xbSefgxH98F-5syUxxo04PUYlsA:1624309518451&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwi2uui-0KnxAhVrL7kGHTJIC5sQ_AUoAXoECAEQAw&biw=1366&bih=600#imgrc=1xMN2ZMn7l6msM >. Acesso em 21 de jun 2021.

Fig. 04 - disponível em < https://www.google.com/search?q=ja+acabou+jessica&rlz=1C1SQJL_pt-BRBR935BR936&sxsrf=ALeKk02xbSefgxH98F-5syUxxo04PUYlsA:1624309518451&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwi2uui-0KnxAhVrL7kGHTJIC5sQ_AUoAXoECAEQAw&biw=1366&bih=600#imgrc=wNaThVY4liSSTM >. Acesso em 21 de jun 2021.

Fig. 05 - disponível em < https://www.google.com/search?q=ja+acabou+jessica&rlz=1C1SQJL_pt-BRBR935BR936&sxsrf=ALeKk02xbSefgxH98F-5syUxxo04PUYlsA:1624309518451&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwi2uui-0KnxAhVrL7kGHTJIC5sQ_AUoAXoECAEQAw&biw=1366&bih=600#imgrc=Gq06SrbO4650hM >. Acesso em 21 de jun 2021.

Fig. 06 - disponível em < https://www.google.com/search?q=ja+acabou+jessica&rlz=1C1SQJL_pt-BRBR935BR936&sxsrf=ALeKk02xbSefgxH98F-5syUxxo04PUYlsA:1624309518451&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwi2uui0KnxAhVrL7kGHTJIC5sQ_AUoAXoECAEQAw&biw=1366&bih=600#imgrc=XDROChQ46IntXM >. Acesso em 21 de jun 2021.

Fig. 07 - disponível em < https://www.google.com/search?q=ja+acabou+jessica&rlz=1C1SQJL_pt-BRBR935BR936&sxsrf=ALeKk02xbSefgxH98F-5syUxxo04PUYlsA:1624309518451&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwi2uui-0KnxAhVrL7kGHTJIC5sQ_AUoAXoECAEQAw&biw=1366&bih=600#imgrc=Qn9DTojCJw_P_M >. Acesso em 21 de jun 2021.

Fig. 08 - disponível em < https://www.google.com/search?q=ja+acabou+jessica&rlz=1C1SQJL_pt-BRBR935BR936&sxsrf=ALeKk02xbSefgxH98F-5syUxxo04PUYlsA:1624309518451&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwi2uui-0KnxAhVrL7kGHTJIC5sQ_AUoAXoECAEQAw&biw=1366&bih=600#imgrc=QJ9tJE9k4AaD2M >. Acesso em 21 de jun 2021.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal.** Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude - conversas com Riccardo Mazzeo.** Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Ed. Zahar.RJ: 2013.

BISPO, Fábio Santos; LIMA, Nádia Laguárdia de. **A violência no contexto escolar: uma leitura interdisciplinar.** Educação em Revista|Belo Horizonte v.30 n.02 p.161-180 Abril-Junho 2014.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Trad. Fernando Tomaz, 10a ed. RJ: 2007

CYRULNYK, Boris; MORIN, Edgar. **Diálogos sobre a natureza humana.** Coleção Epistemologia e Sociedade. Ed. Instituto Piaget. Porto Alegre: 2004.

DAMATTA, Roberto. **O quê faz o brasil, Brasil?** Ed. Bosco. Rio de Janeiro: 1986.

FREITAS, Nilce Almino de et al. **Perfil clínico-epidemiológico de adolescentes e jovens vítimas de ferimento por arma de fogo.** Cadernos Saúde Coletiva. 2017, v. 25, n. 4 , pp. 429-435.

HABERMAS, Jürgen. **O conceito de poder em Hannah Arendt.** In: FREITAG, B.; ROUANET, S. (Orgs) Habermas. São Paulo: Editora Ática. 1980. p.100-118

LIMA, Iana Gomes de; HYPOLITO, Álvaro Moreira. “A expansão do neoconservadorismo na educação brasileira”. Em: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 45, 2019.

LIMA-NETO, Valério. **Meme é gênero? Questionamentos sobre o estatuto genérico do meme.** Trabalhos em Linguística Aplicada. Plataforma Scielo: 2020.

PEREIRA, Antonio Igo Barreto; BLUM, Vera Lúcia. **Poder, resistência e indisciplina escolar: a perspectiva docente sobre os comportamentos transgressores dos alunos.** Revista Educ. Públ. Cuiabá, v. 23, n. 54, p. 739-757, set./dez. 2014.

PINHEIRO-MACHADO, R.; SCALCO, L. M. (2014). **Rolezinhos: Marcas, consumo e segregação no Brasil.** *Revista Estudos Culturais.* Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/revistaec/article/view/98372>>. Acessado em 21 de jun 2021.

SOMEKH, Bridget; LEWINS, Cathy. **Teoria e métodos de pesquisa social.** Petrópolis. RJ: ed. Vozes, 2015

SOUZA, Jesse. **A modernização seletiva - uma reinterpretação do dilema brasileiro.** Ed. UNB: Brasília: 2005.

SPOSITO, M. P. **Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil.** *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 27, n.1, p. 87-103, jan./jun. 2001.